



Entre as 150 espécies ornamentais de peixes...



...destaca-se o valioso royal blue: 300 dólares cada

FOTOGRAFIA JOAO RAMIRO

Ambiente

Lucro líquido

Peixes ornamentais: nova riqueza na Amazônia

O pescador amazonense Maurício Crispiniano da Silva, de 57 anos, aportou sua canoa em Manaus na semana passada trazendo consigo mais de 6 milhões de cruzeiros vivos e provisoriamente mergulhados em pequenos tanques a bordo. Depois de seis meses de trabalho nas águas escuras e frias do Rio Negro, o maior afluente da margem esquerda do Amazonas, Silva conseguiu amealhar um imenso lote de supercoloridos habitantes daquelas paragens: minúsculos peixes ornamentais para os quais não faltam compradores. É, o que é melhor, ao contrário de seus também cobiçados irmãos maiores comestíveis, como o tucunaré e o tambaqui, os peixes ornamentais são pagos em dólares, já que a imensa maioria deles é exportada.

Em meio à carga trazida por Silva nadavam, por exemplo, minúsculos exemplares do cardinal, espécie que atinge no máximo 4 centímetros de comprimento e exibe no dorso cintilações de um vermelho vivo em meio a reflexos azulados. Vendidos aos milhares para importadores de Europa, Japão e Estados Unidos, os peixes dessa família lideraram as vendas para o exterior no ano passado, durante o qual saíram da Amazônia mais de 13 milhões de peixes ornamentais.

O cardinal, resistente e abundante, tem uma desvantagem: só rende em grandes multidões, pois seu preço não ultrapassa os 5 centavos de dólar, cerca de 170 cruzeiros. Já um único disco, peixe que se caracteriza por exibir o corpo coberto de listras azuis e marrons, atinge facilmente 300 dólares, o equivalente a 1 milhão de cruzeiros. "Tudo o que tiramos da água aqui é exportado", assegura o engenheiro agrônomo Sebastião Pereira Correa, 35 anos, dono do Aquário Corydoras Tetra, que exportou 300 000 dólares (cerca de 1 bilhão de cruzeiros) em peixes no ano passado.

ALTA MORTALIDADE — Das 2 500 espécies de peixe da Amazônia somente 150 têm interesse nesse mercado. Trata-se, porém, de um universo amplo, que inclui até exemplares perigosos, como a arraia — cuja ferroad

causa dores lancinantes — e o poraquê, o peixe-elétrico que emite descargas fortes o bastante para atordoar um homem adulto. As estrelas são mesmo, porém, os peixes menores e mais coloridos como o royal blue, da família dos discos. Alimentado por eles, o mercado externo tem crescido continuamente. A cada ano, segundo a Superintendência para o Desenvolvimento da Pesca (Sudepe), aumenta 20%.

As longas distâncias e a precariedade dos meios de transporte na região são, atualmente, um obstáculo ao aumento ainda mais vertiginoso das vendas externas. O índice de mortalidade dos peixes é altíssimo. Nesta etapa, que pode durar até vinte dias, morrem cerca de 400 de cada 1 000 peixes capturados. Acondicionados em sacos plásticos e caixas, eles costumam viajar nos "recreios", os barcos coletivos típicos da Amazônia, de onde já saem para as empresas exportadoras. Os que sobrevivem a esta etapa multiplicam suas chances de continuar vivos. Passam para tanques com água de acidez controlada e são alimentados com rações balanceadas de engorda a que são misturadas doses de bactericida e fungicida. No final da linha, cada espécie terá um destino. Os europeus, por exemplo, preferem os mais delicados e de hábitos estranhos, como o chilodus, que passa todo o tempo imóvel dentro do aquário com a cabeça voltada para o fundo, num impecável ângulo de 45 graus. Os peixes da espécie corydora, de longas e multicores barbatanas, encantam mais os compradores americanos.



O pescador Silva com parte de seu tesouro: tipo exportação